



O IMPULSO LÚDICO NA ESTÉTICA DE FRIEDRICH SCHILLER

Daniel Melo de Souza¹
Reinaldo Milek Marques²

Resumo: *A estética é uma área da filosofia que estuda sobre as manifestações da arte, do belo e seus efeitos na humanidade. Dentro dessa área, Friedrich Schiller (1759- 1805) vislumbrou uma educação estética, partindo dos conceitos de Impulso sensível e Impulso Formal, ambos mediados pelo Impulso Lúdico, voltada para a formação de uma nova sociedade.*

Palavras-chave: Estética. Arte. Belo. Formação.

Introdução

No final do século XVIII, Friedrich Schiller propôs uma educação voltada para a formação dos sentidos através da bela arte com o objetivo de constituir utopicamente uma sociedade melhor e harmoniosa. Ele conseguiu uma oportunidade para seu intento ao trocar cartas com o príncipe da Dinamarca, Augustenburg (1765-1814). Em suas cartas para uma educação estética, são encontrados três conceitos por ele definidos como principais motores das ações humanas.

O primeiro conceito é chamado de Impulso Sensível e é o que possibilita o conhecimento do mundo físico, estando relacionado diretamente com os sentidos do corpo. O segundo é o Impulso Formal que está diretamente ligado a mente do sujeito, a razão. Schiller acredita que esses dois impulsos estão em constante jogo por predominância do estado do ser, onde cada um tende a se impor sobre o outro, mas que, mediante um terceiro impulso, o Impulso Lúdico, é possível criar uma harmonia entre eles. Somente assim, em harmonia, seria possível ao homem poder contemplar o belo, onde ela se faz objeto dos impulsos.

A beleza é o que pode tornar o homem livre da rudeza, do esmorecimento e da perversão. Para Schiller (2002, p. 53), o sentimento educado para a beleza refina os costumes, por isso, o gosto cultivado quase sempre está ligado a clareza do entendimento, enquanto o gosto inculto se apresenta de ordinário ligado a atributos opostos, em sua maioria, representam aspectos da natureza dos desejos sensíveis.

Em sua obra “A Educação Estética do Homem: numa série de cartas” Friedrich Schiller expõe os resultados de suas investigações sobre o belo e a arte e da necessidade de se cultivar a educação dos sentidos.

A formação da sensibilidade é, portanto, a necessidade mais premente da época, não apenas porque ela vem a ser o meio de tornar o conhecimento melhorado eficaz para a vida, mas também porque desperta para a própria melhora do conhecimento. (SCHILLER, 2002, p.47)

¹ Licenciatura em Filosofia, Faculdade Santana, ebmelosouza@gmail.com.

² Professor Orientador, especialista em filosofia.

Após examinar o homem sensível e racional de forma a afirmar sua natureza mista, conceito que não pode ser desconsiderado sem perda para uma de suas potencialidades, Schiller apresenta sua ideia de como a educação estética pela bela arte é capaz de modificar o comportamento dos homens e mulheres, mesmo que não de imediato. Mas que quando isso ocorrer, em meio ao reino das forças e ao sagrado reino das leis, o impulso estético ergue imperceptivelmente um terceiro reino, alegre, de jogo e aparência, em que desprende o homem de todas as amarras das circunstâncias, libertando-o de toda a coerção moral ou física (SCHILLER, 2002, p. 139).

Objetivos

O objetivo deste trabalho é refletir a necessidade de uma educação que pense na formação da sensibilidade dos seres humanos através das ideias de Schiller.

Metodologia

Os métodos utilizados no trabalho são exclusivamente pesquisas bibliográficas.

Resultados/Resultados parciais e discussão

Os resultados obtidos pelo trabalho demonstram que a formação humana pela arte é capaz de modificar o comportamento dos homens e mulheres para uma melhor convivência entre eles.

Considerações finais

O trabalho filosófico de Schiller alcançou os dias de hoje de forma que se mostra ainda atual. A necessidade de uma educação estética que ele sentia que seu tempo exigia ainda hoje se faz presente, por isso a necessidade de se refletir suas ideias.

Referências

SCHILLER, Friedrich. **A Educação Estética do Homem**: Numa série de cartas. 4. ed. São Paulo - SP: Editora Iluminuras, 2002. 158 p. Tradução de: Roberto Schwarz e Márcio Suzuki.